



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
Centro de Ciências Agrárias
Núcleo de Estudos Integrados sobre Agricultura Familiar - NEAF
Programa de Pós-graduação em Agricultura Amazônica -MAFDS

Nº 16

**SONHOS E ILUSÕES: UM ESTUDO SOBRE A FORMAÇÃO DE
QUINTAIS EM UMA OCUPAÇÃO URBANA NO MUNICÍPIO DE
BELÉM-PA.**

SOUSA, R. da P
COSTA, R.G.C.P. da

2006

SONHOS E ILUSÕES: UM ESTUDO SOBRE A FORMAÇÃO DE QUINTAIS EM UMA OCUPAÇÃO URBANA NO MUNICÍPIO DE BELÉM-PA¹

DREAMS AND ILLUSIONS: A STUDY ABOUT THE ARRANGEMENT OF YARDS IN AN URBAN OCCUPATION AREA OF THE CITY BELÉM- PARÁ

SOUSA, R. da P.²

COSTA, R.G.C.P. da³

RESUMO

O processo de desenvolvimento econômico do país implica em transferências maciças de populações das zonas rurais para as urbanas. Apesar das variações regionais, a realidade ocorre indiscriminadamente em todos os estados brasileiros, devido, principalmente ao grande contraste sócio-econômico entre rural e urbano. Para as famílias de pequenos produtores rurais, a migração para as grandes cidades constitui uma alteração significativa nos modos de vida, acompanhada por transformações na estrutura familiar e na composição das relações sociais, em resposta aos problemas criados pela estrutura urbana. Isso altera as possibilidades e as estratégias de reprodução social e cultural. Neste sentido, este trabalho procurou compreender a partir do imaginário das famílias e do ideal observado o impacto da migração rural sobre a formação dos quintais urbanos. Concluiu-se que as condições urbanas dificultam a reprodução dos quintais rurais, entretanto eles são reelaborados aproveitando parcialmente ou criando outros arranjos com adaptações técnicas possíveis e disponíveis.

PALAVRAS CHAVES: Migração Rural, Quintais Urbanos, Riacho Doce – Belém.

¹ Este estudo é fundamentado no trabalho desenvolvido na disciplina de Metodologia de Pesquisa no curso de Mestrado em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável sob a orientação do Prof. Dr. Samuel Sá. Teve contribuição de Manuel Amaral Neto.

² Engenheiro Agrônomo, Mestre em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável - UFPA/NEAF, Professor de Sociologia, Educação e Extensão Rural/EAFC-PA e membro do Grupo de Assessoria em Agroecologia na Amazônia-GTNA. (91) 37211196. E-mail: romiergtna@veloxmail.com.br

³ Engenheira Agrônoma, Mestre em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável - UFPA/NEAF. Pesquisadora do Instituto de Pesquisa da Amazônia – IPAM. Fone: (91) 3211 1913. E-mail: rgisele@amazon.com.br

ABSTRACT

The procedure of the economical development of the country involves a massive transference of people from the rural regions to the urban. Despite the regional variations, the reality occurs in all states of Brazil, indiscriminately, due mainly to the great socio-economical contrasts between the rural and the urban. For the families of the small rural farmers, the migration to the big cities, constitutes a significative change in their lifestyle, accompanied by transformations on their family structure and the composition of their social relationships, as an answer to the problems created by the urban structure. That change the possibilities and strategies of social and cultural reproduction. This paper tries to establish the impact of the rural migration on the arrangement of the urban yards parting from the imaginary of the families and the ideal observed. It follows that the urban conditions make the reproduction of the rural yards difficult, but they are reelaborated using partial or creating other arrangements with possible and available adaptations .

KEY WORDS: rural migration, urban yards, Riacho Doce/Belém

INTRODUÇÃO

O êxodo rural é um processo que ocorre indiscriminadamente em todos os estados Brasileiros, devido principalmente ao grande contraste sócio-econômico entre o rural e urbano. Emigração que em sua maioria é explicada por expressões como: *“para melhorar de vida, porque a vida na roça era muito difícil”*. Quando se procura precisar o tipo de dificuldades da vida rural, identificamos determinantes constantes como: ausência de infra-estrutura e serviço básico de escola, saúde, pouca opção de trabalho, falta de apoio para melhorar a produção agrícola e mercado para os produtos, e por isso existe o ideal imaginário de que a vida na zona urbana pode ser “melhor”.

Nota-se, portanto, que a emigração parece ser uma resposta à ausência de condições básicas para a manutenção das famílias na área rural, pois “o trabalhador rural abandona a zona rural quando percebe que não pode melhorar de vida nas condições que se encontra”, isto é, quando sua miséria parece ser uma condição permanente (Durhan, 1973). A concepção de “melhorar de vida” decorre da quebra do isolamento relativo com a inclusão na economia competitiva, criando novas necessidades que rompem com o equilíbrio econômico existente no rural.

Assim sendo, a migração para as grandes cidades se constitui para as famílias de pequenos produtores rurais, uma alteração significativa nos modos de vida, acompanhada por transformações na estrutura familiar e na composição das relações sociais, onde as relações sociais permanentes passam a ser periódicas, e ao integrar-se num outro conjunto de relações que anteriormente eram esporádicas, passam a ser permanentes.

Mas apesar da migração ser explicada em alguns estudos como uma tentativa de mobilidade social, em resposta a problemas criados pela estrutura da sociedade nacional, fundamentadas principalmente em questões econômicas, a organização de grupo familiar rural é significativamente afetada pelo problema. Assim, a migração, que a princípio surge como solução a problemas externos que afetam as famílias, tendem a ser resolvidos internamente em cada grupo familiar, condicionados ao tipo de organização social e econômica de cada grupo.

Diante disso, a migração pode ser realizada em grupos maiores de várias famílias ou em grupos familiares, mas em sua maioria ocorre por indivíduos isolados. Quando ocorre por indivíduo isolado, a tendência é de reconstituição dos grupos familiares a partir da migração gradual de outros componentes do grupo. Tal fragmentação é utilizada estrategicamente em função das dificuldades que a mudança pode acarretar na adaptação dos migrantes ao novo espaço ocupado. No entanto, devido à consciência do risco que a migração provoca, o migrante procura manter o vínculo com a estrutura familiar rural, para a qual possa voltar, caso a migração

não atinja os resultados esperados. Salientando que contextualmente a história das famílias rurais vem acompanhada de fracassos constantes na busca de um ideal inatingível (Durhan,1973).

Assim sendo, este trabalho pretende exercitar uma metodologia de produção de conhecimento em um estudo de caso, considerando o agir e fazer humano, interagindo a racionalidade e historicidade para melhor compreender o impacto da migração rural sobre a construção de relações sócio-econômicas na vida urbana, mais precisamente sobre a formação dos quintais urbanos.

A pesquisa foi realizada na área de ocupação denominada de Riacho Doce, localizada em um bairro da cidade de Belém-Pa, durante o mês de junho de 2000. Foram realizadas seis incursões, a primeira para contatos com lideranças locais para a construção do histórico de ocupação, já que as famílias selecionadas para a amostra da pesquisa não eram pioneiras⁴. Depois, as incursões aconteceram para visitas e entrevistas com as famílias selecionadas. A amostragem foi direcionada, considerando a distribuição das famílias nas diversas travessas (pequenas ruas), a paisagem natural construída disponível na área, e as formas de organização dos grupos familiares. Essa metodologia foi adotada estrategicamente para alcançar uma maior diversidade de situações de forma a subsidiar melhor os argumentos empíricos a serem construídos.

Nas entrevistas buscou-se levantar informações sobre origem dos moradores; suas trajetórias antes de chegar ao Riacho Doce; tempo de moradia na área de invasão; motivos de vinda para Belém, ano em que saiu do local de origem, a descrição dos quintais do local de origem e os atuais no Riacho Doce, considerando a percepção social, econômica e ambiental desta parcela produtiva para a família. Em relação aos quintais, procurou-se saber a importância e formas de trabalho realizadas pelas famílias quando no local de origem; quais os limites para a reprodução do quintal na área urbana; como são os quintais no Riacho Doce e qual é o quintal imaginário para as famílias, dado às condições reais da vida urbana. Procuramos também saber quais as perspectivas de permanência ou não das famílias na área.

De forma complementar, a pesquisa também considerou fontes secundárias, como a consulta de documentos que registram historicamente a problemática de ocupação de área na cidade de Belém e os principais problemas vivenciados pelas famílias da ocupação do Riacho Doce.

⁴ Famílias que iniciaram a ocupação na área do Riacho Doce, dando origem do povoamento atual.

A OCUPAÇÃO DO RIACHO DOCE

Muito antes da ocupação, existia na área do Riacho Doce uma Olaria que foi desativada com o passar do tempo. Depois, o terreno sem função social nem econômica, ficando totalmente abandonado, foi local de realização de vários crimes. A área é localizada no bairro do Guamá na região metropolitana de Belém, estado do Pará. Foi ocupada primeiramente por um grupo de 100 pessoas em setembro de 1990, e logo foram chegando mais famílias. Neste mesmo mês e ano foi constituída a Associação de Moradores do Riacho Doce. Em abril de 1991 as famílias sofreram uma ação de despejo, processada por um senhor que se dizia dono do terreno. Mesmo assim, a organização local buscou os meios legais para conquistar o terreno, recebendo apoio político e jurídico do Ministério Público do Pará durante todo o processo (Líder Comunitária, 56 anos).

Nesta época, a área foi dividida em 1.300 lotes, no padrão de 6 x 12 metros para cada família, tendo a vegetação ciliar que margeava o rio Tucunduba e a que cobria a maioria dos lotes derrubada para serem levantado os barracos de madeira ou de lonas. A área era quase em sua totalidade alagada, muito pouco com terra firme. Depois de loteado o terreno, a organização passou a padronizar as travessas (delinear e aterrar), localizando o Centro Comunitário, escola comunitária conveniada com o governo do estado, e passaram a reivindicar serviços básicos como água, energia elétrica, policiamento, além de nomear as travessas.

No período da ocupação, 60% das famílias eram originadas do interior do Estado do Pará, e o restante dos diversos bairros de Belém, na busca de moradia sem aluguel. A origem do nome Riacho Doce está relacionada com uma novela de televisão com a mesma denominação, e dada à semelhança do local de lazer que se apresentava na novela ao rio Tucunduba, foi copiado a denominação pelos primeiros ocupantes da área.

No início as famílias não tinham nenhuma infra-estrutura urbana no local. Após um ano de ocupação, muitas famílias começaram a vender os imóveis a preços abaixo do mercado para outras famílias rurais e/ou urbanas, fatos influenciados principalmente pela ausência de infra-estrutura e serviços públicos, além de outros fatores que dificultavam a manutenção das famílias nas condições econômicas que a zona urbana oferece. Segundo as lideranças entrevistadas, “as melhorias aconteceram muito devagar, tal como a energia elétrica que só chegou dois anos depois da ocupação, condição que possibilitou a abertura de bares e ”mercadinhos”⁵. Enquanto que a água encanada só chegou seis anos depois”. No geral, o que evoluiu mesmo segundo as lideranças locais foi o número de famílias, o aterramento da rua principal – Olaria, a instalação da luz elétrica e a água encanada. Mas atualmente um motivo a mais vem entusiasmando os

⁵ Pequenos comércios.

moradores da área, é o trabalho da macrodrenagem que está sendo realizado às margens do rio Tucunduba.

Hoje, existem aproximadamente 1.500 famílias e cerca de 12 mil pessoas morando na área do Riacho Doce. Destas, apenas 300 famílias são pioneiras. Os lotes iniciais foram subdivididos para garantir a permanência de outras famílias que chegavam ou que se formavam pelo desmembramento familiar causado pelo casamento dos filhos e filhas. Há uma constante ameaça de violência gerada por grupos de gangues da própria ocupação, fato que preocupa os comerciantes locais e leva-os a se protegerem com instalação de grades e com a contratação de vigias noturnos, providências que também vem sendo adotadas entre os moradores.

Outros problemas enfrentados pelas famílias, citados durante as entrevistas, estão relacionados principalmente com a falta de urbanização como: falta de saneamento, serviço limitado de abastecimento de água e distribuição de energia elétrica, além da total falta de segurança na área. As casas de moradias e comércios são predominantemente em madeira, com água encanada e energia elétrica, com sanitários com ou sem fossa. Normalmente são divididos em poucos cômodos, em sua maioria ocupados por mais de uma família, em condições precárias de acomodação. Quando ocorre a ampliação das casas, acontece principalmente no sentido vertical, devido os terrenos serem pequenos e a maioria ainda alagados, ou mesmo horizontalmente utilizando a área disponível do quintal.

Atualmente a organização social é composta por duas associações, a mais antiga, o Centro Comunitário que vem articulando politicamente suas reivindicações junto a Prefeitura Municipal de Belém e a outros órgãos públicos e que vem se fortalecendo com esse trabalho. A outra é a associação que atua de forma mais assistencialista e beneficiando individualmente os seus sócios.

A MIGRAÇÃO DAS FAMÍLIAS PARA BELÉM

A vinda das famílias do interior para Belém, esta relacionada com uma série de fatores que vem desde suas condições desfavoráveis de concorrer com a agricultura empresarial externa em termos de competitividade, tornando seu sistema de produção inviável, até a necessidade extrema de mudança de qualidade de vida, tendo como perspectiva o fim do isolamento, principalmente estrutural, dos agricultores e agricultoras familiares.

Motivos semelhantes que reforçam tal processo migratório foram observados por agricultores ribeirinhos da várzea estuária, onde a produção em pequena escala não conseguiu competir com os produtos externos à região (HIRAOKA, 1993). No entanto, a compreensão do processo migratório envolve outras variáveis não técnicas - tais como: mudanças de espaço (físico e sócio-econômico); de residência; de período de permanência; etc., que por isso não deve

ser confundido como simples deslocamento geográfico, apesar de serem utilizados freqüentemente como sinônimos (ARAGÓN, 1996).

Dessa forma, para não cair no erro de uma reflexão “vazia” sobre o fenômeno migratório das famílias que ocupam o Riacho Doce, é preciso deixar claro de antemão que o termo migração é tratado pelos entrevistados com maior ênfase na mobilidade territorial das famílias, porém, buscou-se abordar parte dos outros aspectos reconhecendo que não foi possível tratar de todos eles no presente trabalho.

No geral, as famílias entrevistadas apontam como os principais motivos de vinda para Belém à busca de melhores condições de educação para os filhos, que de acordo com o Índice de Desenvolvimento Humano, que tem como um de seus indicadores a qualidade da educação, percebeu-se que nas cidades de origens dessas famílias os indicadores são bem menores do que os indicadores de Belém (SUDAM/ IPEA/FJP/PNUD, 1999)

Outro indicador apontado nas entrevistas foi à busca de melhores condições de trabalho e melhoria da renda familiar.

Contudo, essa melhoria apresentada em Belém, não considera o aumento da penosidade do trabalho, quando boa parte da mão-de-obra vinda do rural para o urbano acaba em serviços meramente braçais. Outro aspecto que a maioria das estatísticas não avalia com maior precisão é a renda dos agricultores familiares, pois não consideram o valor do auto consumo da família, ou seja, a produção da família que não é vendida por ser consumida pela família deixando de ser considerada nessas estatísticas. O auto consumo é o aspecto da renda familiar mais afetado quando a família decide sair do rural para o urbano, pois as famílias não produzem gêneros alimentícios agrícolas na cidade.

Certamente as políticas públicas são fatores que influenciam nessa dinâmica, tal como aconteceu com a construção dos eixos rodoviários (por exemplo, Belém-Brasília) que proporcionaram o colapso da agricultura ribeirinha (ANDERSON, 1993), como também facilitaram a vinda de famílias do Nordeste Paraense para Belém. Mas não cabe a este estudo aprofundar os impactos destas políticas na migração de famílias para a cidade.

AS FAMÍLIAS QUE MORAM NO RIACHO DOCE

As famílias entrevistadas são compostas por pessoas que vieram da zona rural, especificamente, de São Domingos do Capim, Curuçá, Acará, São Sebastião da Boa Vista e outras das periferias de Belém. Todas apresentando um quadro com diversas trajetórias que antecederam a chegada à área do Riacho Doce. A tipologia de origem das famílias em rural ou urbana considera preferencialmente a sua formação. Significa dizer que considerou-se origem rural, para aquela família constituída ainda na zona rural e como urbanas aquelas formadas por qualquer tipo de união já na cidade de Belém. Neste contexto, é possível encontrar famílias de origem rural com a maioria dos componentes nascidos em Belém, como também, ter famílias urbanas onde os conjugues tem origem rural. Esses esclarecimentos sobre a origem das famílias são relevantes para a compreensão da relação urbano e rural ainda muito presente entre as famílias entrevistadas, pois algumas ainda mantêm fortes vínculos com a zona rural, conservando seus terrenos no interior de origem e se beneficiando dos produtos gerados nos mesmos.

A fonte de renda apresentada entre as famílias entrevistadas esta relacionada com aposentadoria, pequenos comércios, serviço privado e como agricultor. Identificou-se famílias onde o homem/esposo passa temporadas na área rural, cuidando do terreno agrícola da família.

As famílias entrevistadas possuem uma história na área, constituída e organizada em função de situação de proximidade entre parentes e amigos. Durante as entrevistas foram constatadas algumas relações sociais entre parentes ou não, como estratégias de sobrevivência. Como por exemplo: “nora tomando conta da casa do sogro enquanto ele vai fazer compras ou enquanto alguém fica hospitalizado”. São vizinhos socorrendo um ao outro numa relação de reciprocidade, mecanismo que parece ser utilizado para superar situações adversas de forma a garantir a reprodução dessas famílias na cidade.

A migração das zonas rurais para as zonas urbanas, com varias trajetórias na cidade de Belém, e com a permanência da relação entre vida urbana e rural, são características marcantes entre as famílias entrevistadas. Deve-se considerar que o processo migratório não passa somente por duas etapas, saída e chegada, mas pode acontecer varias idas e vindas até ocorrer à estabilização das famílias.

Nas entrevistas, observou-se que as famílias migraram da zona rural para a urbana em busca de melhores condições da qualidade de vida, sobre tudo de trabalho, qualidade do serviço de educação e saúde. Mas ao chegarem à cidade, a decepção ascende quando percebem que a realidade urbana diferencia-se do imaginário, onde as dificuldades continuam existindo para a população mais pobre, acentuada quando o conhecimento que essas famílias detém é muito diferente do conhecimento exigido no mercado de trabalho urbano. Pois de um modo geral, as

famílias são trabalhadoras rurais, detém um conhecimento sobre a produção e beneficiamento agrícola, relacionado a uma lógica diferenciada da predominante na cidade, condição que tem dificultado o acesso a trabalho na cidade.

Esses são os principais motivos que dificultam a absorção da massa de trabalhadores rurais migrantes nas atividades econômicas urbanas de melhor remuneração, limitando a capacidade de garantir um sustento mínimo a família. Daí a constante presença das mulheres empregadas como domésticas e homens como braçal (serviços de limpeza e construções), pois a força física dos componentes das famílias passa a ser o único instrumento de produção que garante o acesso ao mercado de trabalho na cidade. Isso também tem influenciado no crescimento da tendência à marginalização entre jovens, que segundo algumas lideranças do Riacho Doce, é uma situação que se acentua com a inexistência de oportunidades de educação e lazer para jovens e crianças.

A precariedade da moradia, a não garantia das condições mínimas de reprodução sócio-econômica da família, leva muitas famílias a saírem da área de invasão para outros bairros, situação observada quando procuramos saber quantas famílias pioneiras ainda permanecem na área, e onde estão as que dali sairão. A maioria vendeu seu terreno um ano depois da invasão, devido principalmente a falta de urbanização. Contudo, todos entrevistados afirmaram decididamente que se tiver que sair do Riacho Doce será para voltar a zona rural de origem, onde mantém os terrenos agrícolas. Mais ainda predomina o interesse em permanecer na área em função dos estudos iniciados pelos filhos.

Observamos que as famílias que migraram da área rural para a urbana, sofreram vários processos de segregação. Primeiramente com mudança de ambiente rural para o urbano na ilusão de alcançar melhores benefícios, num segundo momento quando já na cidade também é excluído dos benefícios do qual veio atrás, e a partir daí surge no imaginário novas expectativas, como a migração de retorno.

O IMAGINÁRIO DAS FAMÍLIAS DO RIACHO DOCE SOBRE OS QUINTAIS NO “INTERIOR”

Os quintais que foram conceituados por MARSH (1996), como um sistema de produção familiar, caracterizado especificamente por sua diversidade, complexidade e variedade de benefícios que promovem à família. São descritos pelos informantes que no local de origem (“no interior”) geralmente eram mantidos limpos, através de capinas e “varridas”, onde o “lixo” como restos de matos e folhas eram amontoados e queimados, e posteriormente amontoados aos pés das plantas, ou as cinzas sendo utilizadas para o plantio de mudas de frutíferas, como açaí, cupuaçu, caju, entre outras.

Algumas das famílias entrevistadas disseram ter criado galinhas e porcos, mas, geralmente tinham de fazer uma opção entre criar ou plantar, pois as criações alimentavam-se das plantas que eram cultivadas. Desta forma, existia ainda a alternativa de cultivar em tabuleiros suspensos, de forma que os animais não alcançassem.

Dada a importância do quintal no interior, há um sentimento saudosista entre os entrevistados, pois era um espaço relevante sob os aspectos econômico, social e ambiental. No econômico e social, devido o fornecimento de alimentos com proteínas de origem animal e vegetal para o auto consumo da família e venda do excedente se fosse o caso. Sob o aspecto social e ambiental, o quintal é importante do ponto de vista do bem estar da família, pois segundo uma entrevistada o quintal “garantia a sombra, que permitia a reunião da família durante a tarde”, além de ser muito utilizado pelas crianças para desenvolverem atividade de lazer. Situação retratada por NODA (1997) onde demonstra que o quintal também compõe o espaço de socialização do grupo familiar, abrigando momentos de lazer, servindo também para a iniciação às atividades agrícolas das crianças, para a realização de atividades como fabricação e conserto de apetrechos de pesca e de instrumentos agrícolas, beneficiamento de produtos agrícolas e embalagem da produção para a comercialização.

As famílias caracterizam os quintais do “interior” como áreas com bastante espaço, para permitir a diversidade que em geral comporta essa unidade produtiva, em áreas de terra firme, de fácil acesso a água e com segurança suficiente para garantir investimento de mão-de-obra e capital (o cultivo ou criação é respeitada pelos vizinhos que tradicionalmente realizam trocas entre famílias na época de produção).

A REALIZADADE DOS QUINTAIS DO RIACHO DOCE

Os quintais do Riacho Doce apresentam obstáculos de estrutura física, financeira, técnica e social, que vêm limitando iniciativas de reprodução do quintal do “interior”. Alguns dos fatores identificados pelas famílias entrevistadas foram: pouca disponibilidade de tempo para investir neste tipo de trabalho; espaço pequeno e alagado periodicamente, a falta de recursos financeiros e de conhecimento técnico sobre os cultivos possíveis de desenvolver em área reduzida, a falta de informação de como ter acesso a sementes e insumos alternativos para o tipo de plantio, e a falta de segurança para garantir investimentos nesta atividade.

A pesar das limitações identificadas e observadas, todas as famílias entrevistadas utilizam parte do quintal para cultivar plantas medicinais (pirarucu, canarana, pucá, etc.), hortaliças (pimenteira), plantas ornamentais, fruteiras (mamoeiro, açazeiro e bananeira). E também relatam que se houvesse um trabalho para incentivar o melhoramento do quintal seria bem vindo e com certeza estimularia outras famílias a fazerem o mesmo. Outra utilidade dada aos quintais do

Riacho Doce é como depósitos de objetos sem uso, ou produtos de comércio, além de ser o local de instalação dos sanitários e banheiros, ambiente também utilizado para lavagem de roupas.

OS QUINTAIS IDEAIS DO IMAGINÁRIO DAS FAMÍLIAS NO RIACHO DOCE

Trabalhou-se com duas possibilidades para observar as diversidades de percepções. Primeiramente sobre a reprodução do quintal do interior no Riacho Doce nas condições disponíveis. Uma segunda condição seria como o quintal do Riacho Doce poderia ser, caso não houvessem os obstáculos encontrados.

Para a primeira questão foi levantada a possibilidade de poder somente cultivar hortaliças, como tomate e verduras em geral. Contudo, no que diz respeito ao cultivo das hortaliças, foi bastante destacado os canteiros suspensos, provavelmente pela reprodução das práticas culturais do local de origem, que tinham problemas com criações, como porcos galinhas e patos, que alimentavam-se dos cultivos do chão, necessitando certas vezes criar alternativas para driblar as criações. Hoje o problema encontrado é o terreno alagado principalmente na época das chuvas, devido o aumento de volume do rio Tucunduba, ou pelo aterramento dos quintais que em sua maioria é realizado com entulhos, impossibilitando assim o plantio direto ao solo ou também pela presença de pequenas criações de aves que acabam dificultando a manutenção dos cultivos. Daí então, a demanda das famílias por apoio da prefeitura, que investisse em iniciativas coletivas como o trabalho com hortas comunitárias, no terreno do centro comunitário ou ainda com técnicas de canteiros suspensos, para melhor aproveitamento do espaço limitado.

Para a segunda condição, as famílias entrevistadas colocaram que plantariam várias espécies frutíferas, como cupuaçu, açaí, banana, entre outras. Para uma das entrevistadas, “gostaria de aterrar, acimentar e murar”, possivelmente por morar próximo ao rio Tucunduba e ter seu quintal constantemente alagado, mas também disse querer cultivar plantas medicinais e hortaliças em vasos, e plantar açaí e banana, tal como era seu quintal no “interior”. De uma forma ou outra há sempre o interesse de reproduzir parcialmente as forma do quintal da área rural de origem.

A maioria dos entrevistados mostrou interesse em cultivar espécies frutíferas, hortaliças, medicinais e mais as criações de pequenos animais como galinhas, patos e porcos, tal como o realizado nos quintais do “interior”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dadas às condições de limites apresentadas na área do Riacho Doce, é difícil reproduzir os quintais do local de origem, entretanto podem ser reconstituídos espaços aproveitando o que é possível ou criando outros arranjos com adaptações técnicas possíveis a condição disponível.

Iniciativa que pode ampliar a disponibilidade de produtos de consumo, condição dificultada pela relação econômica predominante na área urbana que é de dependência de compra, onde tudo que se consome é comprado, enquanto que na área rural, local de origem da maioria das famílias entrevistadas, a relação econômica era de produção, comprando somente o que não era possível produzir, e comercializando todo o excedente. A família na área urbana cria outra lógica de sobrevivência, com estreita relação com mão-de-obra assalariada, onde o aumento de esforço físico faz com que pouco tempo sobre para desenvolver alternativas de produção domésticas, como o caso dos quintais.

As crianças e jovens entram também em outro ritmo social, escola e lazer (principalmente a dependência da televisão). As mulheres buscam alternativas econômicas de geração de renda para ajudar a manutenção da família, trabalhando como domésticas ou instalando pequenos comércios em suas residências. No geral, todos os componentes da família procuram se envolver na geração de renda para ajudar a sustentar a família na área urbana.

Os principais fatores que limitam qualquer iniciativa de produção ou reprodução de quintal no Riacho Doce fogem ao controle das famílias, pois envolve a disponibilidade do espaço físico, a ausência de apoio técnico e garantia de segurança social, ou seja, elementos que podem ser resolvidos com ações de políticas públicas específicas.

Observou-se em reflexões de avaliações, que os entrevistados parecem decepcionados com o processo migratório que parecia ser um caminho para buscar soluções das quais teriam muitas dificuldades de resolver na área rural, principalmente em relação a emprego, qualidade de ensino e serviço de saúde. No entanto acabaram como excluídos na área urbana, sem os mesmos serviços básicos de qualidade, vivendo em precárias condições e em espaço limitado.

BIBLIOGRÁFIA

DURHAN, Eunice R. A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo. Editora Perspectiva, São Paulo, 1973. 249p.

BRASIL, Marta. O sonho de um teto para todos. O Liberal, 13 de julho de 1997, Belém, 1997.

_____. Dinheiro do BID estimula Riacho Doce. O Liberal, 17 de julho de 1998, Belém, 1998.

_____. O assunto é invasão. O Liberal, 19 de outubro de 1999, Belém, 1999.

MONIKA, Grossman et al. Município de Abaetetuba: a evolução da agricultura e o lugar das frutas nos sistemas de produção familiares. NAEA/UFPA – CAP/NEAF/UFPA. Belém, 1996. 16p.

SANTOS, Lucidéia de Oliveira. A integração rural urbana e a sistematização de sua agenda. NAEA/UFPA.

NODA, Hiroshi et al. O trabalho nos sistemas de produção de agriculturas familiares na várzea do estado do Amazonas. Duas décadas de contribuições do INPA à pesquisa Agronômica na trópico úmido. INPA, Amazonas, 1997. 241- 281p.

CAÑETE, Voyner R. Estudo do Impacto socioeconômico em áreas de atuação da SESAN – drenagem do canal do Tucunduba. Prefeitura Municipal de Belém – Secretaria Municipal de Saneamento. Belém, 1998. 81p.

ORCHERTON, D. & SOMARRIBA, E. El Huerto casero y otros sistemas de producción dentro del sistema finca: El papel del hombre y la mujer. Revista Agroforesteria en las Americas, n° 11- 12 julio – Diciembre, 1996.

MARSH, R. & HERNÁNDEZ, I. El papel del huerto casero tradicional en la economía del hogar: casos de Honduras y Nicaragua. Revista Agroforesteria en las Americas, n° 9 - junio , 1996.